

**A VIOLÊNCIA COMO
VALOR-NOTÍCIA NA
TELEVISÃO GOIANIENSE:
Informação X Audiência**

VIOLENCIA COMO VALOR-
NOTICIA EN LA TELEVISIÓN
GOIANIENSE: Información X
Audiencia

VIOLENCE AS VALUE-NEWS ON
GOIANIENSE TV: Information X
Audience

Fernanda Ribeiro de Lima¹

Ana Carolina Pessôa Rocha Temer^{2, 3}

RESUMO

As emissoras de TV pioneiras no Brasil na década de cinquenta viram o número de concorrentes aumentar consideravelmente durante o governo militar, que distribuiu concessões em troca de apoio político. Quatro décadas depois a guerra pela audiência ficou ainda mais acirrada com o surgimento e consolidação da internet. O novo meio e a popularização dos canais fechados, roubaram os segmentos A e B da TV aberta e fizeram com que as emissoras

¹ Graduada em Rádio e TV pela Universidade Federal de Goiás também é graduada em Jornalismo pela Faculdade Sul-Americana. Tem pós-graduação em Assessoria de Comunicação e Marketing e Mestrado em Comunicação - Mídia e Cidadania pela Universidade Federal de Goiás. Profissional atuante nas principais empresas de comunicação do Estado de Goiás por quinze anos hoje é professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Sul-Americana. email: fernanda.ribeiro35@gmail.com

² Doutora e Mestra em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Especialista em Sociologia pela Universidade Federal de Uberlândia e Jornalista graduada na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação pela Faculdade de Informação e Comunicação na Universidade Federal de Goiás (FIC- UFG). E-mail: anacarolina.temer@gmail.com.

³ Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Informação e Comunicação. Programa de Pós-graduação em Comunicação. Campus Samambaia, Caixa-postal nº 131, CEP: 74001-970, Goiania (GO), Brasil.

televisivas mudassem profundamente seu conteúdo. Uma dessas mudanças foi a supervalorização da violência como valor-notícia. Considerando os gêneros jornalísticos como gêneros discursivos, quais as implicações dessa forma de exposição da violência na qualidade da cobertura jornalística e conseqüentemente na imparcialidade editorial?

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Jornalismo; Televisão; Objetividade.

ABSTRACT

The pioneers TV stations in Brazil in the fifties saw the number of competitors increase considerably during the military government, which distributed awards in exchange for political support. Four decades after the war by the audience became even tougher with the rise and consolidation of the internet. The new way and the popularity of closed channels, stole the segments A and B of broadcast television and made the TV stations profoundly changed its content. One of these changes was the overvaluation of violence as news value. Considering the journalistic genres as discursive genres, what are the implications of this form of exposure of the violence in the quality of news coverage and consequently the editorial impartiality?

KEYWORDS: Violence; Journalism; Television; Objectivity.

RESUMEN

Las estaciones de televisión pioneras en Brasil en los años cincuenta vieron el número de competidores incrementar considerablemente durante el gobierno militar, que distribuye concesiones a cambio de apoyo político. Cuatro décadas después de la guerra por la audiencia se hizo aún más dura con el surgimiento y consolidación de la Internet. El nuevo medio y la popularidad de los canales cerrados, robaron los segmentos A y B, de la televisión abierta y hicieron las cadenas de televisión cambiarse profundamente su contenido. Uno de esos cambios fue la sobrevaluación de la violencia como valor noticioso. Teniendo en cuenta los géneros periodísticos como géneros, ¿cuáles son las



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, n. 5, Setembro-Dezembro. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n5p485>

implicaciones de esta forma de exposición a la violencia en la calidad de la cobertura de noticias y por lo tanto la imparcialidad editorial?

PALABRAS CLAVE: Violencia; Periodismo; Televisión; Objetividad.

Recebido: 02.10.2016. Aceito em: 02.12.2016. Publicado em: 25.12.2016.

A inquietação

A necessidade por informações é algo inerente ao ser humano. A natureza da sociabilidade determina a curiosidade ou a necessidade de buscar informações, de procurar saber sobre o outro e sobre o que acontece ao redor, tanto no ambiente físico como social. Na sociedade contemporânea essa procura se amplia nos meios de comunicação eletro-eletrônicos buscando saber o que acontece no bairro onde moram e também as novidades do outro lado do mundo. A imprensa tem um papel importante neste processo, veículos impresso, rádio, televisão e internet fornecem histórias, mostram fatos que são trabalhados e transformados em notícias. Esse processo não é neutro, pois retira a organicidade da circulação da informação. Os fatos escolhidos para compor o espaço jornalístico adquirem outra importância, e passam a existir para a sociedade, fomentam discussões e a forma como são apresentados induz opiniões. Analisando a questão e, sob a luz da *Agenda Setting* este artigo pretende instaurar uma discussão sobre a violência enquanto valor-notícia no jornalismo televisivo moderno e suas consequências para a compreensão do tema entre seus telespectadores.

A televisão no Brasil

A televisão no Brasil tem uma importância histórica significativa, e é responsável pela difusão de informações e modismos, além de ser formadora de opinião. Também é um veículo de grande presença na vida dos brasileiros: segundo dados do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 97% dos domicílios brasileiros tem um aparelho de televisão, além daqueles espalhados

em espaços de grande circulação de pessoas como restaurantes e salas de espera.

O primeiro telejornal exibido no Brasil, *Imagens do Dia*, foi ao ar 24 horas depois da primeira transmissão⁴, e assim como nos radiojornais da época foi marcado pelo imprevisto. Essa relação somente foi superada pelo *Repórter Esso*, principal telejornal da primeira fase da televisão brasileira, mas cuja produção foi transplantada da Rádio Nacional em 1941 e apresentado entre 10 de abril de 1952 e 31 de dezembro de 1970 (TEMER 2008).

As inovações tecnológicas da década de 1960 ajudaram a consolidar a audiência do telejornalismo. A transmissão em cores, a agilidade proporcionada por câmeras menores e mais leves e a possibilidade de transmissões ao vivo móveis deram mais vida e mais velocidade às notícias.

A televisão em Goiás

Assim como em nível nacional, em Goiás o telejornalismo foi implantado de maneira improvisada, como uma parte necessária à programação televisiva. Godinho (2008) afirma que a primeira emissora, a TV Rádio Clube, foi ao ar pela primeira vez em 06 de setembro de 1961, sem a documentação legal. O equipamento era precário. O proprietário, Francisco Braga Sobrinho, tinha se apropriado de uma câmera, um transmissor e uma antena quando ainda era funcionário dos Diários Associados de Assis Chateaubriand.

...o publicitário e radialista Cunha Júnior, egresso do rádio, tinha de apresentar um telejornal. Ficava atrás de uma mesa escura e simples, repleta de papéis, sentado numa cadeira dura, seus olhos se revezando entre ler as notícias em uma folha e a única câmera, Para o

⁴ A primeira transmissão televisiva no Brasil aconteceu no dia 18 de setembro de 1950. O pioneiro foi Assis Chateaubriand com a TV Tupy.

telespectador não dormir, a equipe colava algumas fotografias ou desenhos na parte de trás do cenário (também tosco) e a câmera ficava indo e voltando: Cunha-fotos, fotos-Cunha. Alguns entrevistados disseram que havia queixas de pessoas tontas com aquele balanço de imagens. (GODINHO, 2008, p. 18)

No entanto, mesmo com todo imprevisto e falhas, características da programação ao vivo, o veículo conquistou o público. A TV Rádio Clube ganhou sua primeira concorrente no dia 23 de outubro de 1963 (GODINHO, 2008). Além de melhor estrutura humana a TV Anhanguera também tinha a melhor estrutura técnica, e já entrou no ar com o recurso do *videotape*.

Mas logo as emissoras pioneiras viram o número de concorrentes aumentar consideravelmente durante o governo militar, que distribuiu concessões em troca de apoio político. Na guerra pela audiência que se seguiu na década seguinte somada a popularização dos canais fechados e o surgimento e consolidação da internet, fizeram com que estas emissoras mudassem profundamente a forma de apresentação de seus conteúdos. Particularmente nas primeiras décadas do século XXI, parte dessa mudança envolveu a troca da formalidade por uma linguagem popularesca.

Entenda-se por informalidade uma linguagem bem menos culta, onde frequentemente repórter / apresentador usa gírias e faz comentários pessoais. Para interagir com o público, os jornalistas andam de ônibus, comem pastel na feira e entram em buracos. Mas esta relação também afeta o conteúdo, o destaque atual é para assuntos que provocam dor e sofrimento às classes economicamente menos favorecidas, como por exemplo, transporte público, atendimento aos usuários do Sistema único de Saúde, crianças sem escolas. Mas a grande aposta dessa nova programação é, sem dúvida, o tripé sensacionalista escândalos, sexo e violência.

O sensacionalismo televisivo e a disfunção narcotizante

Dentro da esfera comunicacional, mais precisamente da jornalística, diariamente ouve-se a aplicação do termo sensacionalista direcionado a emissoras, programas, profissionais. Mas o que é ser uma emissora sensacionalista ou um jornalista sensacionalista? No Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a palavra “sensacionalismo” é explicada como sendo “a divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar”.

Para Marcondes Filho (1985) todo jornal é sensacionalista porque o simples fato de noticiar implica em alterar, dirigir e mutilar um fato porque é impossível reproduzir algo tal qual aconteceu.

O que vai diferenciar um jornal dito ‘sensacionalista’ de outro dito ‘sério’ é somente o grau. Sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização da informação: tudo que se vende é aparência e, na verdade vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete. (MARCONDES FILHO, 1985, p.66)

Mott (1941) afirma que o termo sensacionalista deve ser aplicado ao conteúdo de mídia que estimule uma resposta emotiva no público, reações mais comuns quando o tema em questão é crime, desastre, sexo, escândalo ou qualquer outra monstruosidade. Angrimani (1995) coloca o sensacionalismo como o superdimensionamento de fatos onde o real não é o mais importante.

Trabalhando com a perspectiva do sensacionalismo como um novo gênero jornalístico, e considerando os gêneros jornalísticos práticas discursivas, Pedroso (1994) destaca doze pontos que podem ser usados como critérios de identificação, os mais comuns são: variedade na apresentação gráfica; exploração de estereótipos sociais; valorização da emoção em detrimento da

informação; exploração do caráter extraordinário e vulgar dos acontecimentos; discurso repetitivo, motivador, despolitizador e avaliativo; modelo informativo que torna difusos os limites entre o real e o imaginário.

A narrativa (sensacionalista) transporta o leitor; é como se ele estivesse lá, junto ao estuprador, ao assassino, ao macumbeiro, ao sequestrador, sentindo as mesmas emoções [...] A humanização do relato faz com que o leitor reviva o acontecimento como se fosse ele o próprio autor do que está sendo narrado. (PEDROSO, 1983 *apud* ANGRIMANI, 1995, p.17)

Porcello (2008) insere o comportamento do indivíduo moderno dentro deste novo fazer jornalístico e entende que na “sociedade da informação” os conteúdos circulam com tanta rapidez que são consumidos sem profundidade ou questionamentos. Para ele, essa relação antagônica, envolve a espetacularização.

As pessoas podem nem entender direito o que estão ouvindo naquela notícia tão espetacular, mas, com certeza, ficam com a sensação de que estão bem informadas, de que “sabem das coisas” porque viram na TV. Essa é a essência da moderna sociedade da informação. (PORCELLO, 2008, p. 54)

A falta de credibilidade, linguagem não apenas coloquial, mas carregada de gírias e expressões regionais são outras características apresentadas pelos autores citados anteriormente. Temer (In Vizeu, Porcello, Coutinho, 2010, p.104) especifica que no caso da televisão a espetacularização da notícia e entendendo que, mais que informar é preciso entreter para manter a audiência.

Tudo isso é reforçado ainda pela movimentação do apresentador, que via de regra gesticula e caminha pelo estúdio, dirigindo-se diretamente à câmera, corroborando para a falsa ideia de partilha de informações. (SIMÃO, LIMA, DOURADO, TEMER, 2012, p.4)

Stephens (1993) vai dizer que o veículo mantém o povo sob uma escravidão dicotômica, “o excesso e a falta de informações”, ou seja, ao mesmo tempo em que a pessoa tem o mundo à sua frente este mundo é um mundo rápido porque os fatos se sucedem a cada segundo.

Sodré e Paiva (2002) analisam o grotesco da origem⁵ às suas diversas manifestações. E na televisão, os autores afirmam que o gênero vai além do conteúdo, e já se mostra como uma especialização profissional⁶. Na busca pela audiência a TV aberta procura transformar sua programação numa praça, um espaço público onde o telespectador se divirta e se sinta integrado ao meio (principalmente aquele do qual foi excluído socialmente).

(...) o grotesco chocante – esta é a modalidade dominante nas programações televisivas para a grande massa – permite encenar o povo e, ao mesmo tempo mantê-lo a distância. Dão-se voz e imagem a energúmenos, ignorantes, ridículos, patéticos, violentados, disformes, aberrantes, para mostrar a crua realidade popular, sem que o choque daí advindo chegue as causas sociais, mas permaneça na superfície irrisória dos efeitos (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 133)

A violência já é por si grotesca porque distancia tanto vítima quanto agressor do humano. Mas o fato noticiado se torna animalesco quando, na reinterpretação pela mídia, apenas o ato é focado, nas chamadas, nos *leads*, no texto e nas legendas. “Foram vinte e duas facadas”; “Os cadáveres foram encontrados sem as cabeças”; “O empresário foi esquartejado e seu corpo dividido em malas”; “Foi assassinado pelo próprio filho”; “O corpo da mulher grávida foi escondido debaixo do sofá”.

Não só o ato é focado como repetido diversas vezes. Especialmente no caso da televisão, se há imagens, essas são reprisadas à exaustão, se não há, a computação gráfica precisa providenciar uma imagem que garanta a

⁵ Os autores pontuam que a presença do grotesco é sempre citada na televisão brasileira partir da década de 1990 com o sucesso de programas como “Ratinho”, mas suas características podem ser identificadas desde sua implantação no Brasil. Nos primeiros programas de auditório, de artistas como Chacrinha, Flávio Cavalcanti e Sílvio Santos eram recorrentes “os aleijões, deformidades, aberrações da natureza e manifestações de idiotia” e para garantir a reação da plateia, mensagens de fácil compreensão.

⁶ Produtores especializados em promover situações absurdas e constrangedoras com participação voluntária ou não do público e de artistas, como por exemplo, as famosas pegadinhas.

materialização da violência. Não há o debate sobre causas ou consequências, não há discussão que instigue uma reflexão sobre o problema.

A violência enquanto valor-notícia

O termo violência e suas várias derivações estão presentes cotidianamente na vida de todos os indivíduos. A humanidade convive com a violência desde seus primórdios, pode-se começar relatando sua organização territorial através das guerras.

A palavra violência tem origem no latim "*violentia*" que pode ser traduzida como veemência, impetuosidade, mas sua origem, o termo "*violare*", quer dizer violação. Comumente associa-se violência a uma atitude física, agressão, mas a violência existe independente do contato físico, e por isso a Organização Mundial de Saúde define violência como "o uso intencional da força física ou poder, real ou como ameaça, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte em, ou resultou, ou tem uma alta probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação".

Para Michaud o conceito de violência pode ser definido como:

(...) há violência quando, numa situação de interação, ou um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas ou culturais. (MICHAUD; 1989, p.179)

Segundo o autor, a violência "... flutua e metamorforseia-se conforme as convicções que a aprendem" (1989, p.49). Weil (2012) questiona violência e discurso, e violência e razão sobre as formas de conceituação de um ato de

violência entre comunidade com referenciais culturais diferentes. Ou ainda, o que é lei, e o que é abuso de poder dentro de sistemas políticos construídos sob lideranças individuais ou partidárias? Ou seja, sob um determinado ponto de vista.

A violência não é um produto dos sentimentos, instintos, frustrações etc., pois existe uma multiplicidade de formas de violência e, por conseguinte, uma multiplicidade de determinações. Além disso, o concreto é resultado, tal como já dizia Marx, de suas 'múltiplas determinações', não sendo efeito de uma causa única. (VIANA, 2004, p. 21-22)

A "multiplicidade de formas" colocada por Viana, ou seja, as várias formas como a violência pode ser exercida, é encontrada em diversos estudos das áreas de ciências humanas e biológicas sobre violência. São várias as denominações, mas este estudo três categorizações mais comumente citadas. A violência social: para Muniz Sodré (2006) a violência pode ser anômica (causada pelo enfraquecimento ou desaparecimento dos códigos de conduta da sociedade) e os casos, cada vez mais cruéis mostrados pela mídia, chocam a população. A violência representada é aquela trabalhada e usada pela mídia jornalística e de entretenimento na busca pela audiência. Há ainda a violência sociocultural, "... resultante do puro e simples arbítrio de um poder...", que pode ser dos homens sobre as mulheres ou, em relação a qualquer indivíduo, que seja fenotipicamente diverso, como o negro. Ou simplesmente diferente do que as regras sociais impõem, como os homossexuais. Sodré ainda cita a violência sociopolítica exercida pelo poder instituído, como o Estado. O autor ainda destaca que as modalidades de violência não são excludentes, e o que ele chama de "monopólio jurídico da violência" pelo Estado, e as leis constitucionais e morais não conseguem impedir a violência que se concentra e potencializa nas esferas sociais marginalizadas pelo Estado, não raramente,

podem ser observadas suas combinações, como por exemplo, atos de violência anômica dentro de um estado de violência sociopolítica.

A violência simbólica: Pierre Bourdieu (2010) trabalhou o conceito de violência simbólica. Para o pesquisador francês, nestes casos a violência está emaranhada no cotidiano e só é reconhecida por olhos muito atentos, passando despercebida até mesmo pelas vítimas. É o caso da dominação masculina sobre as mulheres perpetuada pela sociedade através da manutenção de costumes lembrados e fixados pelo próprio comportamento da comunidade e do conteúdo midiático. Por isso o autor afirma:

Assim, não vemos como poderia emergir na consciência a relação social de dominação que está em sua base e que, por uma inversão completa de causas e efeitos, surge como uma aplicação entre outras, de um sistema de relações de sentido totalmente independente das relações de força. (BOURDIEU, 2010, p. 16-17)

Bourdieu expõe ainda a necessidade de enxergar a *dóxa* (crença comum ou opinião popular) dentro de seu caráter contraditório, e tornar claros processos históricos ou arbitrários em natureza e natural respectivamente, para isso respeitando as características individuais ou coletivas como biológicas e não como condição de inferioridade ou desfavorecimento.

Ainda segundo o autor, a "ordem social" é a máquina simbólica que ratifica a dominação e conseqüentemente a violência através da determinação de áreas de atuação, espaços e até mesmo entendimento científico. E assim, tendo suas percepções construídas dentro das limitações impostas "...seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão.", logo, de reprodução desse conhecimento.

A violência contra a mulher: Há uma semelhança entre o conceito de violência simbólica, discutido anteriormente neste trabalho, e a concepção que Azevedo (1985) constrói para a violência contra a mulher, necessariamente abordada nesta pesquisa porque as matérias analisadas tem como tema a violência contra

a mulher. Para a autora é abuso contra o sexo feminino qualquer violação de sua liberdade, seja ela física ou por imposição de comportamentos, como por exemplo, o cerceamento de direitos emancipatórios. Uma mulher sem acesso à educação ou sem creche para os filhos não tem como trabalhar e garantir o seu sustento. E, talvez, por ficar encarcerada entre quatro paredes, a violência física seja apenas a “ponta visível do iceberg de violências sutis e disfarçadas”.

Há que ser ressaltado que avanços foram conquistados, muitos, pelo movimento feminista mundial e brasileiro. Especificamente, no Brasil, ajudou a alavancar as discussões sobre o problema, os assassinatos de mulheres famosas, ou por homens famosos, e casos macabros de maus-tratos levados a público pela imprensa, fazendo com que o problema deixasse de ser considerado normal para ser visto como anormal, em seguida passou a ser desumano e finalmente tratado como problema social. Pode-se citar como exemplo dessa indignação o assassinato de Eliane de Grammont pelo cantor Lindomar Castilho⁷, de Ângela Diniz por Doca Street⁸, e as torturas sofridas por Maria da Penha Maia Fernandes⁹.

A pesquisa: emissoras e telejornais analisados

Para este trabalho foi analisada parte da programação das três emissoras de televisão de maior audiência em Goiânia e na região metropolitana, TV

⁷ Lindomar Castilho, cantor goiano de boleros que fez muito sucesso na década de 1970, chocou o Brasil em 1981 ao matar a tiros a segunda esposa, a também cantora Eliane de Grammont, porque não aceitava a separação do casal.

⁸ Raul Fernando do Amaral Street, playboy conhecido como Doca Street, matou com cinco tiros a namorada, a socialite mineira Ângela Diniz que não queria manter o namoro de quatro meses. O crime aconteceu em 30 de dezembro de 1976.

⁹ Maria da Penha Maia Fernandes deu nome à lei que tornou mais rigorosas as punições aos homens agressores. Ela foi espancada diariamente pelo marido durante seis anos, até que em 1983, ele tentou matá-la por duas vezes, na primeira com um tiro que a deixou paraplégica e na segunda com choques e afogamentos que deixaram uma série de cicatrizes.

Anhanguera, TV Record e TV Serra Dourada. Mais precisamente os telejornais veiculados no horário do almoço, entre meio dia e quatorze e trinta. Estes telejornais disputam o mesmo público e possuem características de produção semelhantes.

No cenário desta pesquisa, a cidade de Goiânia, capital de Goiás, estado localizado na região centro-oeste brasileira, a hegemonia da TV Anhanguera e sua programação elitizada começaram a ser ameaçadas em 1991 quando a TV Serra Dourada coloca no ar o *Jornal do Meio Dia*, com duração de quase uma hora e notícias mais populares. Nesta época o telejornal do mesmo horário da afiliada da Rede Globo possuía, em média, apenas quinze minutos. A TV Record passa a conseguir índices significantes de audiência em 2006, a partir da reformulação da sua programação reforçando a linha popularesca. Hoje a briga pela liderança de audiência em Goiás nos telejornais do horário do almoço (segundo dados do IBOPE Media¹⁰) fica entre essas três emissoras. Diante deste quadro a TV Anhanguera se viu obrigada a investir em um estilo bem mais informal e conteúdos de interesse das classes C e D.

A Televisão Anhanguera S/A foi idealizada e criada pelo empresário e jornalista Jaime Câmara, e hoje faz parte de uma organização que controla ainda sete afiliadas no interior¹¹, dois impressos e treze emissoras de rádio. Capparelli e Lima (2004), afirmam que a família Câmara está entre os oito principais grupos do setor de rádio e televisão do país. Entre as emissoras regionais familiares, os Câmaras ocupam o segundo lugar, atrás apenas do Grupo RBS, do Rio Grande do Sul, pertencente à família Sirotsky..

O *Jornal Anhanguera Primeira Edição*, que na grade da Rede Globo corresponde ao Praça TV 1ª Edição, era chamado, até o final da década de 1990,

¹⁰IBOPE Media é a unidade de negócios do grupo IBOPE responsável por fazer pesquisa de audiência em todos os tipos de meios de comunicação no Brasil.

¹¹ O grupo Jaime Câmara tem ainda outras três emissoras de Televisão no Estado do Tocantins.

de *Jornal do Almoço*. O informativo passou por profundas modificações estruturais e editoriais nos últimos anos, numa tentativa de vencer a guerra pela audiência com o *Jornal do Meio dia* e *Balanço Geral*. O programa foi ao ar pela primeira vez em 1987 e até 1996 tinha em média quinze minutos de duração, a partir deste ano ganhou o tempo atual, entre 30 e 35 minutos de produção. Essa mudança foi determinada pela própria Globo, numa ação de expansão do conteúdo jornalístico. Entre as decisões editoriais regionais chama a atenção o fato de, nos últimos dois anos, praticamente terem sido abolidas as entrevistas em estúdio, sendo substituídas por entrevistas externas. Os quadros de saúde e conteúdo jovem foram extintos, os assuntos ainda são tratados em matérias esporádicas. As matérias estão cada vez mais teatralizadas, com repórteres representando situações jocosas e, até mesmo, pedidos de ajuda são levados ao ar.

A TV Record, depois de muitas idas e vindas, é a continuação da pioneira TV Rádio Clube, citada anteriormente neste trabalho. Rebatizada de TV Goiânia poucos anos depois, a emissora retransmitiu o sinal da Rede Tupy, até 1980. Depois, ainda sob a administração dos Diários Associados, mas passando a se chamar TV Goyá, retransmite a programação da TVS e SBT. Em 1985 foi vendida ao deputado federal de Rondônia Múcio Athaide e, em 1994, foi negociada com a Rede Record¹². A Rede Record se orgulha de ser, hoje, a rede que mais disponibiliza programação regional, mas em Goiás a influência religiosa sobre os interesses jornalísticos é clara¹³.

¹² A expansão nacional da segunda maior emissora brasileira começou em 1991, quando o controle acionário da TV passou para a Igreja Universal do Reino de Deus, comandada pelo Bispo Edir Macedo. Hoje são 108 afiliadas em 26 estados, mais o Distrito Federal.

¹³ Pode-se citar como exemplo a cobertura de importantes festas católicas do Estado conhecidas nacionalmente, como por exemplo, a "Procissão do Fogaréu", na Cidade de Goiás, e a "Festa do Divino Pai Eterno", no município de Trindade.

O *Balanço Geral* está no ar desde 2008, começou com pouco mais de uma hora de duração, mas hoje tem duas horas. Sua característica principal é a informalidade. Há um espelho e um roteiro que mudam várias vezes, já com o programa no ar, dependendo do que é exibido pelos concorrentes e do retorno do Ibope Media. O telejornal aposta em matérias de bairro, casos violentos, curiosidades e comportamento popular, sem deixar de lado os factuais de política, economia e cidades. Os repórteres cada vez menos usam a fórmula off, passagem sonora, o conteúdo é exibido como um grande “ao vivo” gravado, e ainda se colocam em situações do público: andam de ônibus, fazem refeições no comércio popular, andam a pé em ruas sem asfalto, entram dentro de erosões etc. No estúdio, o apresentador conversa com o diretor e com os câmeras, como se eles estivessem no cenários. Não há bancada, ele caminha em todas as direções, gesticula muito e faz comentários raivosos ou jocosos após as matérias mais polêmicas. O apresentador está sempre com um *tablet* nas mãos, para interagir com o público através de redes sociais e e-mails, ele também lê recados que os telespectadores deixam através dos telefones da redação.

O *Balanço Geral* é exibido em quatro grandes blocos, além do conteúdo jornalístico local, são exibidos também VT's nacionais, chamadas da programação nacional da emissora, uma mensagem de um bispo da Igreja Universal do Reino de Deus e, em média, cinco inserções do que a direção do canal classifica como merchandising: quando o apresentador vende produtos ou serviços com a ajuda de apresentadora comercial e de mercadorias (de colchões a café) dispostas num canto do estúdio.

A TV Serra Dourada começa a transmitir em 1989, e desde o início é uma afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT. O primeiro proprietário foi um político. Este negociou o canal com uma empresa do setor alimentício, que

algum tempo depois vendeu para uma indústria também do setor de alimentação, a quem pertence até hoje. Os dois primeiros programas da emissora foram o Informativo Serra Dourada, veiculado no horário do almoço, e o TJ Goiás, inspirado no TJ Brasil de Boris Casoy e a grade local permanece assim até hoje.

São menos de duas horas de telejornalismo local, mas o *Jornal do Meio dia*, apoiado em matérias populares com forte apelo assistencialista, chegou a ficar na liderança do horário por um ano e meio, segundo pesquisa do Ibope Media. Este sucesso chama atenção porque, entre as emissoras estudadas nesta pesquisa, é a que tem a menor equipe. Das estruturas humanas analisadas, a da TV Serra Dourada é a que mantém o maior número de profissionais antigos (com mais de vinte anos de experiência) nos cargos de chefia e de edição, mas com uma grande rotatividade na reportagem e produção. A emissora aposta na violência, e em assuntos populares como cidades e matérias de interesse humano: como pessoas desaparecidas, pessoas com grandes dificuldades financeiras ou problemas de saúde. Para que o telespectador não fique cansado, essas matérias são alternadas com quadros de serviço e curiosidades, como por exemplo: Saúde e Bem Viver, INSS, Desaparecido, Espaço Cultura, Imagens do You Tube, Tá Lembrando (esporte) Repórter Cidadão e Emprego.

Metodologia

Este estudo usará como técnica a pesquisa qualitativa através da Análise de Conteúdo, usada, pela primeira vez no século XVIII quando a corte suíça analisou 90 hinos religiosos anônimos, conhecidos como *Os Cantos de São*, para saber havia alguma heresia nas composições. Mas apenas no século XX a

metodologia começou a ser efetivamente usada, e aí em vários campos da comunicação. Fonseca Jr. (*in* Duarte, 2010) diz que para pesquisas sobre a comunicação de massa a Análise de Conteúdo é usada para análise de mensagens, assim como a semiologia e a análise de discurso, a diferença é que a Análise de Conteúdo requer sistematicidade e confiabilidade. Um dos pais deste método, Harold Lasswell, propôs entender a comunicação respondendo as seguintes perguntas: quem? Diz o quê? Por qual canal? A quem? Com qual efeito? Para Lasswell, os estudos sobre os processos comunicacionais centram-se em uma ou mais das questões expostas anteriormente.

Para descrição das matérias analisadas neste trabalho foi elaborada uma ficha descritiva com a identificação do material e a categorização do conteúdo dentro dos oito critérios de análise escolhidos com o objetivo de abranger todas as variáveis que compõem o texto televisivo: tempo do material; a quem é dado voz; situação da mulher; posição do conteúdo no espelho; serviços agregados; tipologia do conteúdo; formato; comentários ou expressões faciais pejorativos ou positivos sobre a mulher. No total foram analisadas sessenta e duas inserções sendo quatorze da TV Anhanguera, trinta da TV Record e 18 da TV Serra Dourada.

Os dados

São matérias longas, onde as premissas jornalísticas da imparcialidade e da objetividade são abandonadas. A descrição do cenário que, já é mostrado pelas imagens, e a reiteração de perguntas para reforçar sensações como medo e dor deixam o material longo, sem novidades, uma espécie de repetição do vazio. Entre as matérias com mais de cinco minutos foram registrados tempos de sete e até onze minutos.

Na chamada lida, ou pode-se dizer “interpretada”, pelos apresentadores, e mais raramente, mas ainda assim presente, no *off* dos repórteres, são expostos juízos de valor e opiniões pessoais pejorativas e favoráveis sobre a matéria exibida. E muitas vezes isso acontece sem a percepção do profissional.

Quanto mais cenas chocantes estão disponíveis, mais o assunto é explorado, na escalada, nas passagens de bloco e, não raro, logo após a exibição do VT, o apresentador pede a reexibição das imagens, para reforçar o que já foi dito. As imagens são fundamentais, quando não existem o assunto é visivelmente menos explorado. Uma prática comum entre as três emissoras é: se o assunto foi compartilhado por todas, a estratégia é querer entrar com a matéria na frente dos concorrentes, no primeiro ou, no máximo, no segundo bloco. Agora, se o material é exclusivo, o assunto vira uma “isca” para o telespectador com chamada na escalada, exibição parcial no primeiro bloco, chamadas nas passagens de bloco até a exibição nos últimos blocos.

O maior contrassenso está na relação entre tamanho e conteúdo. Apesar do tempo farto, a maior parte das matérias não traz serviços agregados, informações que contribuam de alguma maneira para a emancipação ou inserção social da mulher, ou do telespectador de um modo geral. Isso porque o destaque não é para o problema ou suas causas, mas para o fato em si, especificamente, no recorte proposto por esta pesquisa, não se discute direitos ou políticas públicas de combate à violência contra a mulher, contam-se facadas e tiros, a quantidade de socos ou os detalhes das torturas, como quantidade de horas, os objetos inusitados e as sequelas deixadas.

As notícias sobre violência, com exceção daquelas que envolvam crianças e abuso sexual, são muito ricas em cenas: local do crime, a arma utilizada, o corpo, ou os ferimentos da vítima, imagens de câmeras de segurança, o cerco policial. Essa é uma das justificativas para que este tipo de conteúdo seja em

sua maioria abordado em forma de VT, que permite o maior aproveitamento das imagens e uso de vários elementos da narrativa telejornalística como computação gráfica, caracteres e sonorização.

Voltando às premissas do jornalismo ético, outra muito importante é esquecida, a de ouvir os lados envolvidos na história com isonomia. Os números mostram uma equidade de espaço às vítimas e ao poder público (na grande maioria das vezes, a polícia, tanto militar quanto civil), mas o conteúdo das sonoras levadas ao ar não possuem a mesma equivalência. Quando ouvidos, vítimas e parentes expressam apenas dor física ou emocional: “desmaiei com as pauladas”, “sinto saudades dela”. A fala das testemunhas serve apenas de reforço para o que já foi dito pelo repórter ou pela polícia: “Ela tinha medo”, “a briga começou de madrugada”; ou ainda para reforçar os detalhes cruéis: “nóis encontrou ela desmaiada no chão da cozinha numa poça de sangue”.

Quando a população é chamada a opinar sobre o caso, o conhecido povo-fala, as frases também são curtas e sem valor argumentativo: “foi muita crueldade né?”, “o governo tinha que fazer alguma coisa”. Entre os profissionais e especialistas mais ouvidos estão médicos e advogados. A fala destes são sempre técnicas, baseadas em laudos, boletins médicos, as leis e suas interpretações.

Chamou a atenção o espaço dado aos comentários feitos por apresentadores. Muitas vezes, eles apenas repetem o que já foi mostrado na matéria, nota coberta, nota seca ou entrevista. Isto quando não fazem comentários equivocados, porque não acompanharam o fato com proximidade e não interpretaram corretamente o repórter ou os falantes da matéria.

A forma de se construir o texto, o enquadramento utilizado, iluminação, tom de voz do locutor noticiário e do repórter ajudam a criar uma atmosfera

de medo, o cidadão-telespectador é levado a pensar o tempo todo que ele será a próxima vítima. Mas os comentários dos apresentadores em muitos casos imprimem às vítimas a culpa pelo crime. Em uma matéria intitulada “Estupro Coletivo” o apresentador da TV Record faz o seguinte comentário: “Ela contribuiu para que isso acontecesse quando aceitou o convite para ir à festa e bebeu”, ou seja, a vítima foi responsável pela agressão que recebeu porque, ir à festa e beber não devem ser hábitos femininos.

As próximas duas categorizações também reiteram a aproximação das emissoras estudadas com a linha sensacionalista. O primeiro, sobre a tipologia do conteúdo, deixa claro que a maioria das matérias é sobre fatos novos que, depois, são explorados à exaustão (suítes/repercussão), mas de acontecimentos alheios à intervenção do departamento de telejornalismo, ou seja, sem a necessidade de grandes investimentos em produção. Em um mês de análise de programação, em nenhum dos canais foi veiculada uma matéria de cunho investigativo. As matérias de interesse humano e curiosidade estão entre as menores em tamanho e destaque na programação.

Considerações finais

Segundo Coutinho e Martins (2008), os telejornais locais são a parte da mídia que mostra ao indivíduo o pedaço do mundo que está mais próximo dele, o primeiro contexto social comunitário no qual está inserido, o bairro, a cidade, o seu Estado, e, como o restante da mídia, através dos olhos de terceiros, oferece a este indivíduo uma “versão” da realidade que ajuda a construir e manter comportamentos.

Em busca de audiência as emissoras regionais de televisão decidiram apostar na violência como um dos principais valores-notícia de seus telejornais. Obviamente o tema já era utilizado antes, mas a abordagem do conteúdo claramente mudou para manter o telespectador, trocou-se a informação pela emoção. Não há discussão sobre o problema violência apenas o destaque para as consequências físicas, a quantidade de tiros, a nova modalidade de assalto, as sequelas. A veiculação exagerada de imagens violentas gera dois comportamentos, a curto prazo, o medo da vida em sociedade, um comportamento recluso e indignação com o poder público que faz muitas vezes faz o cidadão-telespectador questionar leis e comportamentos sociais instituídos¹⁴. A longo prazo, o excesso dessas imagens causa uma banalização de situações graves, depois de meses vendo corpos e sangue todos os dias em um determinado momento isso se torna tão comum para o telespectador quando um acidente de trânsito.

Logo podemos afirmar que esse novo fazer jornalístico televisivo com características sensacionalistas interferem diretamente em um dos itens de regulação dos fenômenos sociais, o da conservação do modelo e controle das tensões, e em outro que diz respeito ao indivíduo, o de reforço das normas sociais. O primeiro porque, se não incita, no mínimo internaliza a aceitação de um comportamento que não é preconizado pelo sistema, o do uso da violência, e de não respeito aos direitos individuais. E o segundo porque a banalização dos atos de violência contra a mulher, sem a devida contextualização, naturaliza o comportamento violento contra a mulher. Além de impedir as funções da comunicação dentro da organização social, este novo fazer jornalístico televisivo oportuniza a existência da disfunção narcotizante da comunicação, ou

¹⁴ Por exemplo, a quantidade de linchamentos que aconteceram pelo Brasil depois que alguns jornalistas conhecidos nacionalmente se posicionaram a favor da "justiça com as próprias mãos".

seja, iludido pela quantidade de informação a que tem acesso, o indivíduo, que acredita estar a par do mundo, tem apenas informações rasas e, ao se preocupar em absorver o máximo possível de “conhecimento”, deixa de interagir e participar da sociedade.

Exclusivamente sobre o tema das matérias analisadas nesta pesquisa, ainda mais prejudicial que deixar de contribuir para a educação informal dos telespectadores, ou seja, conscientizá-los sobre a gravidade da violência contra a mulher enquanto problema social, é levar ao ar uma visão distorcida do papel feminino na sociedade, colaborando para que a mulher continue sendo vista como frágil demais para deixar o lar e exercer sua cidadania, dividindo o espaço público com os homens. Muitas são as críticas feitas à televisão e ao telejornalismo, mas é preciso entender que o problema não está no veículo nem no gênero, mas no uso que se faz deles.

Referências

ANGRIMANI, Danilo Sobrinho. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1995.

AZEVEDO, Maria Amélia. **Mulheres espancadas: a violência denunciada**. São Paulo: Cortez, 1985.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CAPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A. **Comunicação e televisão – desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker, 2004.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio; orgs. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo; Editora Atlas, 2010.

FILHO, Marcondes Ciro. **O capital da notícia.** São Paulo: Ática, 1985.

GODINHO, Iuri Rincon. **A história da TV em Goiás.** Goiânia: Contato Comunicação, 2008.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia.** Florianópolis: Insular, 2001.

MICHAUD, Yves. **A violência.** São Paulo: Ática, 1989.

MOTT, Frank Luther. **A history of newspaper in the united states through 250 years.** USA: Macmillan, 1941.

OLIVEIRA, Fernanda Ribeiro. **As santas quebradas.** Goiânia: PUC-Goiás, 2010.

PEDROSO, Rosa Nívea. **Elementos para uma teoria do jornalismo sensacionalista.** Revista Biblioteconomia & Comunicação. Porto Alegre 6: 37-50 jan/dez 1994. Disponível em <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=16552%E2%80%8E> . Acesso em 21 jul. de 2013.

PORCELLO, Flávio A. C. **Como ver e ouvir o que a mídia não mostra e nem diz.** Revista Multijuris. v. ano II p. 53-57, 2008. Disponível em: <http://www.ajuris.org.br/sitenovo/wp-content/uploads/2006/08/MULTIJURIS5.pdf>. Acesso em 21 jul. de 2013.

SIMÃO, Núbia; LIMA, Fernanda; DOURADO, Pollyana; TEMER, Ana Carolina. **Sensacionalismo, gênero televisivo? análise do Caso Elize Matsunaga.** XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação / DT 1 – Gêneros Jornalísticos. 2012. Disponível em: <http://www2.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?Option=trabalho&id=50969>. Acesso em 30 jul. de 2013.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império do grotesco.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade mídia e violência.** 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

STEPHENS, Mitchel. **História das comunicações: do tantã ao satélite.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

WEIL, Éric. **Lógica da filosofia.** São Paulo: É Realizações, 2012.

VIANA, Nildo. **A dinâmica da violência juvenil.** Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica.** Florianópolis: Insular, 2010.